

“NOS CEM PÂNTANOS, EM MEIO A UM ÔNIBUS DE TURISTAS BRANCOS”: A MATERNIDADE PANTANOSA DE WANJIKŪ WA NGŪGĪ

Everton Mitherhofer Bernardes¹

Wanjikū wa Ngūgĩ é uma escritora queniana e professora de escrita na Vermont College of Fine Arts, nos Estados Unidos. Sua obra inclui contos e ensaios não ficcionais publicados em diversas antologias, revistas literárias e jornais, além dos romances *The Fall of Saints* (2014) e *Seasons in Hippoland* (2021). Mestre e bacharela em Literatura e Escrita Criativa, cursa atualmente o doutorado em Inglês e Escrita Criativa na Universidade do Estado da Geórgia. Além do Quênia e dos Estados Unidos, também viveu na Finlândia, na Eritreia e no Zimbábue. Wanjikū foi criada em meio à literatura, já que não é a única escritora da família. Seu pai, Ngūgĩ wa Thiong’o, é um dos principais escritores da história do Quênia, e seu irmão, Mũkoma wa Ngūgĩ, também segue a profissão.

Em “Cem acres de pântano” [“Hundred acres of marshland”], Wanjikū wa Ngūgĩ nos apresenta a um tipo de maternidade dissidente que, além de gênero, também envolve raça, classe e imperialismo – um conjunto recorrente, mas não raro deixado de lado. No conto, a narradora-personagem é uma mulher queniana que relata sua história pessoal desde sua infância ao lado de uma área pantanosa onde aprendeu a nadar, passando pela criação como mãe solo de Ted, seu filho não planejado, até a nova amizade inspiradora com uma mulher tailandesa.

Dentro de um ciclo de maternidades solo na família, sugerindo o teor estrutural da condição, a protagonista é abandonada pelo pai da criança, contando apenas com a ajuda da mãe e da tia e com os estigmas sociais de ter engravidado antes do casamento. No entanto, abandonar sua individualidade em troca de uma condição de vida melhor para seu filho se torna uma possibilidade quando ela conhece um turista estadunidense rico que deseja se casar com ela. Em meio às promessas de dar melhores oportunidades para Ted e de ter seus sonhos individuais realizados, ela aceita a proposta e cruza o Atlântico.

A protagonista inicia o conto relatando a manhã em que visita pela primeira vez Au, sua nova amiga tailandesa que conheceu já nos Estados Unidos. Ao longo do trajeto, a narradora processa as estradas que a guiaram até sua situação atual – frustrada por não ter realizado seus sonhos por conta das tarefas como mãe solo pobre e, posteriormente, esposa em um casamento infeliz; distante da mãe e do filho, que não puderam se mudar com ela para os Estados Unidos;

¹ Doutorando em Linguística – USP.

seguindo as aspirações que o marido empurrava para ela; uma vida de espera pelo momento em que tudo se resolverá. Au, por outro lado, lhe parecia diferente – segura de si, aberta e gentil –, servindo como modelo para que a protagonista reveja suas prioridades. Em uma epifania dentro do ônibus, ela decide que seguirá seus sonhos, e não mais cederá às expectativas criadas pela sociedade, pela família e pelo marido sobre ela. No entanto, uma revelação ao chegar à casa de Au põe em xeque todo o futuro que ela sonhara naquele curto trajeto.

A primeira dificuldade de tradução se encontra já no título do conto. *Marshland* é um termo utilizado para um tipo de zona úmida inexistente no Brasil, pois está associado a uma área alagada com vegetação baixa. O tipo mais conhecido de zona úmida no nosso país, o pântano, é associado frequentemente a uma vegetação alta. No entanto, não seria a primeira vez que esse tipo de vegetação se tornaria um problema de tradução. Ao traduzir *By the Bog of Cats...*, peça de 1998 da dramaturga irlandesa Marina Carr, Alinne Balduino P. Fernandes² justifica sua escolha por traduzir *bog* por pântano:

(...) O termo linguístico em português que mais se aproxima de *bog*, um tipo de solo de turfa, cuja terra é esponjosa e composta estritamente de material vegetal morto, seria “paúl”. Um *bog* é um tipo de zona úmida, como os charcos, mangues e pântanos brasileiros e os “paúls” portugueses. No entanto, para fins de tradução de uma peça a ser encenada no Brasil, o termo “paúl” não só é obscuro para o público brasileiro como não transmitiria as ressonâncias simbólicas presentes em *bog* para ouvidos irlandeses. (...) A escolha da tradução de *bog* como “pântano” (*swamp*, em inglês) se deu pelo fato de o termo ser, em português do Brasil, o termo guarda-chuva dos tipos de zonas úmidas (...). (Fernandes, 2017, p. 170-171)

A *marshland* de Wanjikū wa Ngūgĩ está muito próxima, em termos simbólicos, do pantanal brasileiro. Trata-se de um local de vida e de alegria – diferente do *bog* de Marina Carr. Existem, afinal, dois imaginários sobre pântanos: um de ordem quase colonial, que nos faz associá-los aos *swamps* de língua inglesa – lugares escuros com mata densa, muitas vezes carregando um imaginário de mistério e melancolia –; e outro que podemos associar à fauna e flora brasileira, atrelado a lagoas e rios. É essa última acepção que está mais próxima da *marshland*.

Outro problema de tradução foram as constantes menções e sugestões a gravidez e gestação ao longo do conto, já que o tema é tão presente na vida da protagonista. O mais difícil de traduzir se encontra na cena em que ela está em uma boate ouvindo, dançando e cantando músicas que a remetem à sua terra natal. Ao se referir às memórias, a narradora diz:

(...) suddenly the entire club would be dream-dancing to his raspy voice that brought memories of the lagoon into focus. The air **pregnant** with memories (...) (Grifo meu.)

² FERNANDES, Alinne Balduino P. Pós-fácio. In: CARR, Marina. *No Pântano dos Gatos*. Tradução: Alinne Balduino P. Fernandes. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017. pp. 169-178.

A definição mais comum de *pregnant* é “grávida”, mas também pode significar “repleto de”, que é precisamente a aplicação na passagem. Para tentar recriar a ambiguidade do termo, tentei utilizar o verbo *gestar*, me aproximando mais da primeira definição de *pregnant* dada acima, mas, ainda assim, mantendo um segundo significado que coubesse na passagem – o de “carregar”.

(...) de repente, a boate inteira estava dançando alucinada ao som da voz rouca dele, trazendo à minha mente as memórias da lagoa. O ar **gestando** memórias (...)
(Grifo meu.)

Por fim, outra decisão tradutória está relacionada a uma diferença estilística que o português oferece, mas que é impossível no inglês: o uso oportuno do sujeito na frase. Enquanto na língua inglesa o sujeito é obrigatório em quase todas as situações, no português ele pode ser facilmente ocultado. Valendo-me disso, ao longo do conto omiti tanto quanto possível o uso do sujeito *eu* quando se referia à narradora. Justifico isso pelo apagamento que ela sofre dentro de sua própria vida, sendo sempre apresentada ou como esposa ou como mãe, mas nunca como algo que fosse pessoal dela própria. No entanto, mantive o uso do pronome *eu* tanto quanto possível em um único momento do texto: durante a epifania, quando a narradora se coloca em evidência pela primeira vez em sua vida:

Mas na metade do caminho até a casa dela, contemplei uma mudança de pensamento. Eu não esperaria que as coisas se desenrolassem sozinhas na minha vida. Eu não esperaria alguém segurar a minha mão nos meus sonhos. Em vez disso, eu mergulharia no bayou da América. Enfermagem. Escrita. Ted. Tudo fazia sentido. Eu terminaria o curso de enfermagem. Escreveria nos finais de semana. Traria o Ted. Os sonhos dele seriam diferentes. Eu faria com que eles se realizassem. Isso também libertaria a minha mãe. Epifania. De repente, eu estava cheia da esperança que havia escapado de mim há tanto tempo, desde a minha chegada.

“Cem acres de pântano” é uma obra que nos faz refletir não apenas sobre a situação da maternidade não planejada e suas consequências para a mãe solo, mas as questões socioeconômicas em torno dela – sendo a maior parte das mulheres nessa situação negras e pobres, além da incidência tão alta em países do Sul Global. Esperamos que a obra de Wanjikū wa Ngũgĩ desperte o interesse em ouvir vozes de autoras de fora do eixo sobre o tema, em especial aquelas pertencentes a minorias, de modo a compreendermos as diversas facetas assumidas pelas maternidades dissidentes ao redor do mundo.

HUNDRED ACRES OF MARSHLAND

Even I find it hard to believe that I learned how to swim in a low-lying wetland with grassy vegetation. Down the hill from my house was what seemed like hundreds of acres of marshland. The sky with a blue so prominent that even when dark clouds gathered it was difficult

not to make out the azure bouncing off the clear waters of the lagoon. I spent half my life swimming, even with passers-by who rested their weary feet in the cool of the water. A week after Ted, my now five-year-old son, was born, the lagoon was waiting for me to wash away the fatigue of motherhood. This was before I boarded the plane to the land where I began the wait. Waiting for Ted to join me. Waiting for my life to come together in the way I had envisioned so many times while lying on the green grassland by the lagoon. Like the photos I had seen of my neighbor's daughter's life in America.

These days there is hope only in my dreams, when someone gently pulls my hand and leads me towards my aspirations. And then I wake up in stone-cold Newark.

I mention the lagoon because lately I have been visiting it in my mind during waking hours. Mostly I wonder if Ted has been swimming. But on this particular morning, my attention is on myself. It feels as if someone is ripping my intestines out. I know it's the French fries. My body has waged a war with food in this new country. Not so new, its been a year already. Right now, I have an immediate problem. The thing is, although most of last night is a blur, I do remember that after the third glass of wine I made promises. To Au, my Thai friend. She is the one I blame for this revolution taking place in my head. I would much rather wallow in dreams about my grassy marshland than make social calls. I do sometimes feel the need to reach out. And then I feel guilty because I know it's his voice, my husband's, in my head telling me to make more of an effort. It's hard to describe how heavy my body feels these days. My pen is lighter. So I sit in a café and fill paper with haikus. A habit I have always entertained, and one my husband used to find endearing. Now he likes to be practical. His words not mine.

This morning, I watched him set off to work through my half-shut eyelids. I pretend to be asleep when his morning ritual takes place. Mostly so I don't have to listen to his rants, and his enduring wish to be in my position. Free. He says it as if it was an expensive virtue only available to some. What he really means to say is that two incomes are better than one. Many unpleasant words come to me for him, but I am bound by this contract I have with him, and to say them would only add to the wall we have been building between us.

In any case, on this particular morning, I have other things to worry about, like the djembe drumbeat playing inside my head, sounding like a hundred cracking bullwhips. And yet, I had made a promise to visit Au this morning. Where I come from, you just don't wave off an invitation. That's another reason I did not mention this to my husband. He would have thrown all that culture out, dismissed it like the American in him does. Or maybe it's his age. Add ten years to mine. I may regret not having his input on this visitation rite, though I suspect Thailand is like Kenya. The way you become friends with anyone tells you a whole lot about how they were raised. Take for instance my first meeting with Au.

I met her in my "Intro to Nursing" class. On the third week of class, she sat next to me. I only noticed her dark hair and lopsided walk later. In the moment she sat down, her presence

was distracting, or rather the smell emanating from the bag at her feet. The lecturer's drawled words lacked the emotion needed to engage us, so it was easy to put one's attention elsewhere.

"Do you want?" The woman asked me.

"Want what?"

"The food," she said, pointing to the brown bag on the floor.

An hour later, sitting on the wooden bench outside the classroom, I leaned back on the hallway wall as the sweet spice mixed with pepper lingered in my mouth. The cook—Au from Bangkok. The other two smacking their lips were also foreigners. India. Nigeria. It was about six o'clock and it made sense to proceed to the bar located across the street from the metro trains. There is nothing like a watering hole located near transportation home. That was yesterday. And what a difference a day makes. Now I had a friend. And friends come with obligations.

Yet, on this morning my feet were dragging. I walked to the bus-stop, taking deliberate steps, because if I didn't, my feet would surely turn back home to the two-bedroom apartment that my husband was planning to eventually buy. Well, that is not what he had told me when I was wallowing in the countryside of Limuru in Kenya. The place I was born, opposite the marshes, where as kids we kicked and flapped in the water, a swimming technique frowned upon here in America.

I remember holding on to the reeds as I learned how to survive in the water, though in reality there was no danger of drowning, for my feet easily found the soft clay just beneath the water, which made it seem like walking on a soft mattress.

With every step I took towards Au's, I swore my jeans got smaller. Just the other day, as I slipped on the same pair of jeans, my husband had enquired about their size. Read *my weight*. Maybe they shrunk in the washing-machine, I said. He asked too much after my body. I knew what he really wanted; but I knew better than to have another child. Least of all before I had managed to bring Ted over. When Ted came I was going to take him to the local YMCA for swimming and hope he would enjoy it more than I had. You see, it was unlike the lagoon where we had spent hours chatting our lives away. That simple life now seemed a hundred years away. America was different. Besides, everyone worked three or four jobs. As my husband says: There is no time in America.

My husband's friends became mine when I first arrived. But I only saw them on Thanksgiving and Labor Day. I tried to make my own friends, when we made our way past midnight to the Shake'n'Drink night club in New York, where all the Kenyans in Newark drove once a month, to dance to songs of yesteryears. Kamaru. Madice. Kenny Rogers too: suddenly the entire club would be dream-dancing to his raspy voice that brought memories of the lagoon into focus. The air pregnant with memories; we screamed out the words, and those words we didn't know, we made up. But we kept up with the rhythm, one we knew so well. It was a rhythm of memory, of our country, of our childhood, of the place where we had crafted

our dreams. In my case, back to the lagoon. For a few hours I enjoyed the connection to Kenya, but the feeling quickly dissipated after the last call for drinks. Then the shoulders stooped, and silence followed the walk to the trains and buses that sobered everyone up.

So I stopped going. Besides, Jack Daniels could come home to me, in the comfort of reality shows, in between my dreaded homework on nursing ambitions. They told everyone that America needs nurses. God knows my husband had said it enough times to me. If only I could run away. To where? That was the problem.

For no particular reason, the morning I trekked to take bus 45 to Au's house reminded me of the morning I left for the promised land. My mother, who single-handedly raised me, had thrown a party. The "my-daughter-is-going-to-be-someone-after-all" kind of party for those who had looked down on me when I stayed home before and after my Ted was born. That was the other thought I entertained on the way to visit Au. Would it be better if Ted were here? He was born with a brain older than his years, so he liked to argue, and we constantly exchanged opinions, with me trying to get him to see reason. "He is very much your son," my mother would say. "Copyright," my aunt said. Whom else could they compare him to except me?

I met his father before I graduated high school, a year after he had. A Kenyan like me, he had done well on his university entrance exam. But that was not the only reason I took to him. He was cliché; tall and dark. Back then that was all I had on my list. So I gave in; but Ted had other plans, like being born to me at the wrong time. His father felt the same way and disappeared. My father had done something similar. "Men," my aunt said.

But I finally found a partner, not on university grounds because I never made it there. Out on the hundred marshes, I met him among a bus of white tourists. Looks were a thing of the past. He promised to support us—me, Ted and my haikus—since his dreams were already manifest.

That's why upon arrival, and the discovery that my husband had just been selling me his aspirations, I did not throw a tantrum. Besides, he had recently been promoted to manage the Starbucks near our apartment. That's where I did the writing. It will be something one day. Like a book. I knew this.

Just as I knew I was not a morning person. I had not communicated this effectively to Au. But halfway to her house, I entertained a change of mind. I would not wait for things to unfold in my life. I would not wait for someone to hold my hand in my dreams. Instead I was going to dive into America's bayou. Nursing. Writing. Ted. It all made sense. I would complete nursing school. I would write on weekends. I would bring Ted over. His dreams would be different. I would make them happen for him. It would also free my mother. Epiphany. Suddenly I was filled with the hope that had escaped me for so long since my arrival.

Elated, I arrived at Au's house. It was, like my house, sparsely furnished. A brown couch sat on a brown carpet. To the left was the dining-table. She asked me to join her there.

It was only 11 a.m. and the table was filled with food. Rice. Shrimps. Noodles. This was another thing I had not told her. I could only stand strong smells in the afternoon. That's how I found myself on the floor of her green-decorated bathroom—the toilet rug, shower curtain, toothpaste holder. In my house, blue was the color. I gave up the contents of my stomach before I had a chance to fill it with Au's food.

I asked her, later as I lay on the couch, if she had invited her other friends. Which ones? she asked. I understood her. Her quiet manner sprang from her. This other persona, the one who cooked for strangers, invited them to her house, was simply a symptom of America. She did not visit clubs, but she longed for home.

This occurred to me at the exact time I realized the throwing-up had been going on for over a month. And then it occurred to me. Another Ted was on the way. Clearly my dreams would have to wait.

CEM ACRES DE PÂNTANO

Até eu acho difícil de acreditar que aprendi a nadar em uma planície gramada pantanosa. Descendo a montanha, dava para ver da minha casa o que pareciam ser cem acres de pântano. O céu de um azul tão proeminente que, mesmo quando se juntavam nuvens escuras, era difícil não distinguir o anil saltando das águas claras da lagoa. Passei metade da minha vida nadando, mesmo com os passantes querendo descansar os pés exaustos no frescor da água. Uma semana depois que o Ted, meu filho agora de cinco anos, nasceu, a lagoa estava esperando que eu fosse lavar a exaustão da maternidade. Isso foi antes de eu embarcar no avião para a terra onde comecei a esperar. Esperar o Ted se juntar a mim. Esperar a minha vida se ajeitar, do jeito que imaginei tantas vezes deitada no prado verde ao lado da lagoa. Como havia visto nas fotos da vida que a filha da minha vizinha levava na América.

Ultimamente só há esperança nos meus sonhos quando alguém gentilmente puxa a minha mão e me leva na direção das minhas aspirações. Então, eu acordo na gélida Newark, Nova Jérsei.

Menciono a lagoa porque recentemente a tenho visitado na minha mente enquanto estou acordada. Fico me perguntando principalmente se o Ted tem nadado. Mas hoje de manhã, a atenção está sobre mim. É como se alguém estivesse arrancando o meu intestino. Eu sei que é culpa das batatas fritas. Meu corpo deflagrou uma guerra contra a comida desse novo país. Não tão novo, já faz um ano. Agora eu tenho um problema urgente. É que, apesar de a maior parte da noite passada ser um borrão, me lembro que depois da terceira taça de vinho acabei prometendo umas coisas. Para a Au, minha amiga tailandesa. Na verdade, é ela quem culpo por essa revolução acontecendo na minha cabeça. Preferia mil vezes me sentar e chafurdar nos meus sonhos sobre meu pântano gramado em vez de ir a compromissos sociais. Às vezes fico assim. Sinto a necessidade de ir atrás das pessoas. Aí me sinto culpada porque sei que é a voz

dele, a do meu marido, na minha cabeça, me dizendo que preciso me esforçar mais. É difícil descrever quão pesado tenho sentido meu corpo ultimamente. Minha caneta é mais leve. Então, me sento num café e preencho papéis com haikus. Um hábito que sempre tive, e que ele, meu marido, costumava achar cativante. Agora, ele gosta de ser prático. Palavras dele, não minhas.

Hoje de manhã assisti meu marido ir pro trabalho através das minhas pálpebras entreabertas. Ele não percebeu. Gosto de fingir que estou dormindo durante o ritual matinal dele. Principalmente porque assim não preciso ouvir as suas reclamações, nem a sua enorme vontade de estar no meu lugar. Livre. Ele fala como se eu tivesse comprado isso com dinheiro. Como se fosse uma virtude cara disponível apenas para poucos. O que ele realmente quer dizer é que dois salários são melhores do que um. Penso em muitas palavras ofensivas para dizer a ele, mas estou amarrada pelo contrato que temos, e dizê-las só se somaria ao muro que estamos constantemente construindo entre nós.

De qualquer forma, especificamente na manhã de hoje, tenho outras coisas para me preocupar, tipo esse djembê batucando na minha cabeça, parecendo os estalos de cem chibatadas. Ainda assim, eu prometi que visitaria a Au hoje de manhã. De onde eu venho, você não pode simplesmente recusar um convite. Essa é a outra razão pela qual não falei nada para o meu marido. Ele teria jogado toda essa cultura fora, dispensando-a, como bom americano que é. Ou talvez seja por causa da sua idade. Dez anos mais velho que eu. Talvez eu me arrependa de não ter pedido a opinião dele sobre o rito de visita. Mas suspeito que a Tailândia deva ser que nem o Quênia. O jeito que você se torna amiga de alguém pode dizer muito sobre a forma como a pessoa foi criada. Veja, por exemplo, o dia em que conheci a Au.

Eu a conheci na minha aula de “Introdução à Enfermagem”. Na terceira semana de aula, ela se sentou ao meu lado. Só depois fui perceber o cabelo preto dela e seu jeito desengonçado de andar. Na hora em que se sentou, fiquei distraída com a presença dela, ou melhor, com o cheiro que emanava do pacote sob seus pés. A professora continuou falando. As palavras dela não tinham a emoção necessária para nos envolver no mundo da enfermagem, então ficava fácil de prestar atenção em outra coisa.

– Você quer? – A mulher me perguntou.

– Quero o quê?

– A comida. – Ela disse, apontando para o pacote marrom no chão.

Uma hora depois, sentada no banco de madeira fora da sala de aula, me encostei na parede do corredor enquanto o tempero doce misturado com pimenta continuava na minha boca. A cozinheira: Au, de Bangkok. As outras duas pessoas lambendo os beiços também eram estrangeiras. Índia. Nigéria. Era por volta das seis e fazia sentido que fôssemos ao bar do outro lado da rua do metrô. Não há nada como um lugar para beber perto de um transporte para casa. Isso foi ontem. E que diferença faz um dia. Agora eu tenho uma amiga. E com amigas vêm obrigações.

Ainda assim, de manhã meus pés estavam se arrastando. Andei cuidadosamente até o ponto de ônibus, do contrário meus pés com certeza se virariam para o outro lado e voltariam para casa, para o apartamento de dois quartos que meu marido estava pensando em comprar algum dia. Bem, não foi isso que ele havia me dito quando eu estava chafurdando no interior de Limuru, no Quênia. O lugar onde nasci, em frente aos pântanos, onde ficávamos chutando e batendo os braços na água quando crianças, uma técnica de natação malvista aqui na América.

Eu me lembro de ficar segurando as folhas de junco quando estava aprendendo a sobreviver na água, quando na verdade não havia qualquer perigo de me afogar, já que meus pés encontravam facilmente o barro logo abaixo da água, o que fazia parecer que eu estava andando em um colchão fofo.

A cada passo que dava até a casa da Au, podia jurar que meu jeans ia ficando mais apertado. Outro dia, quando coloquei o mesmo jeans, meu marido me perguntou o tamanho dele. Viu o *meu peso*. Talvez ele tenha encolhido na máquina de lavar, eu disse. Ele estava perguntando demais sobre o meu corpo. Eu sabia o que ele realmente queria. Mas já estava esperta demais para querer outra criança. Ainda mais antes de conseguir trazer o Ted. Quando ele chegasse, eu iria colocá-lo no YMCA aqui perto para ele aprender a nadar, torcendo para que aproveitasse mais do que eu. Sabe, era diferente da lagoa, onde passávamos horas da nossa vida jogando conversa fora. Aquela vida simples agora parecia ter ficado cem anos para trás. A América era diferente. Além disso, todo mundo tinha três ou quatro trabalhos. Como diz o meu marido: não existe tempo na América.

Os amigos do meu marido viraram meus quando eu cheguei. Mas só os via no Dia de Ação de Graças e no Dia do Trabalhador. Tentei fazer amigos sozinha quando íamos, depois da meia-noite, a uma boate em Nova York. Todos os quenianos de Newark iam para Nova York uma vez por mês para dançar as músicas dos velhos tempos. Kamaru. Madice. Kenny Rogers, também: de repente, a boate inteira estava dançando alucinada ao som da voz rouca dele, trazendo à minha mente as memórias da lagoa. O ar gestando memórias; gritávamos as palavras, e as palavras que não sabíamos, inventávamos. Mas mantínhamos o ritmo, porque esse sim nós conhecíamos muito bem. Era um ritmo de memória, nosso, do nosso país, da nossa infância, de volta às memórias do lugar onde traçamos nossos sonhos. E, para mim, de volta à lagoa. Por algumas horas eu aproveitava a conexão com o Quênia, mas o sentimento rapidamente se dissipava depois que anunciavam que o bar estava fechando. Assim, os ombros se curvavam e o silêncio seguia a caminhada até os trens e ônibus, deixando todo mundo sóbrio.

Aí parei de ir. Além do mais, dava para levar um Jack Daniels para casa e assistir aos meus reality shows, em meio à minha maçante tarefa de casa sobre minhas ambições como enfermeira. Disseram para todo mundo que a América precisava de enfermeiros. Deus sabe quantas mil vezes meu marido me disse isso. Se eu ao menos pudesse fugir. Para onde? Esse era o problema.

Sem motivo algum, a manhã em que caminhava para pegar o ônibus 45 até a casa da Au me lembrou da manhã em que parti para a terra prometida. Minha mãe, que havia me criado sozinha, deu uma festa para mim. O tipo de festa “minha filha vai finalmente se tornar alguém na vida”, para mostrar pra todo mundo que tinha desdenhado de mim por eu ter ficado em casa antes e depois de o Ted nascer. Isso era outra coisa que fiquei pensando enquanto ia visitar a Au. Seria melhor se o Ted estivesse aqui? Ele nasceu com um cérebro mais velho do que ele próprio, então gostava de discutir, e nós dois sempre trocávamos opiniões, eu tentando fazê-lo raciocinar direito. “Ele puxou você”, minha mãe costumava dizer. “Uma cópia”, dizia minha tia. Como se tivessem mais alguém com quem compará-lo além de mim.

Conheci o pai dele antes de terminar o Ensino Médio, um ano depois que ele havia terminado. Um queniano como eu, ele tinha conseguido uma boa nota para entrar na universidade, uma ambição minha. Mas não foi só por isso que fiquei a fim dele. Ele era clichê; alto e escuro. Na época, era só isso que tinha na minha lista. Então eu cedi, mas o Ted tinha outros planos, tipo nascer de mim na hora errada. O pai dele sentiu a mesma coisa e desapareceu. O que não foi uma surpresa, já que meu pai tinha feito coisa parecida. “Homens”, disse a minha tia.

Mas finalmente encontrei um parceiro. Não na universidade, já que eu nunca cheguei lá, mas sim nos cem pântanos, em meio a um ônibus de turistas brancos. Aparências eram coisas do passado. Ele prometeu nos apoiar – eu, Ted e os meus haikus –, pois os sonhos dele já haviam se tornado realidade.

Por isso que, ao chegar e descobrir que meu marido estava vendendo para mim suas próprias aspirações, eu não tive um ataque de raiva. Além disso, ele tinha sido recém-promovido a gerente do Starbucks perto do nosso apartamento. Era lá que eu escrevia. Um dia, vai dar em algo. Tipo um livro. Eu sabia disso.

Assim como sabia que não gostava de manhãs. Eu não havia dito isso à Au. Mas na metade do caminho até a casa dela, contemplei uma mudança de pensamento. Eu não esperaria que as coisas se desenrolassem sozinhas na minha vida. Eu não esperaria alguém segurar a minha mão nos meus sonhos. Em vez disso, eu mergulharia no bayou da América. Enfermagem. Escrita. Ted. Tudo fazia sentido. Eu terminaria o curso de enfermagem. Escreveria nos finais de semana. Traria o Ted. Os sonhos dele seriam diferentes. Eu faria com que eles se realizassem. Isso também libertaria a minha mãe. Epifania. De repente, eu estava cheia da esperança que havia escapado de mim há tanto tempo, desde a minha chegada.

Eufórica, cheguei à casa da Au. Era, assim como a minha casa, esparsamente mobiliada. Um sofá marrom em cima de um tapete marrom. À esquerda ficava a mesa de jantar. Ela me convidou para me sentar ali com ela.

Ainda eram 11 horas da manhã, a mesa já estava cheia de comida. Arroz. Camarões. Macarrão. Mais uma coisa que eu não havia dito a ela. Eu só conseguia suportar cheiros fortes à tarde. Foi assim que me encontrei no chão do seu banheiro verde e decorado – o tapete de

banheiro, cortina do box, suporte para pasta de dentes. Na minha casa, era tudo azul. Botei para fora tudo o que estava no meu estômago antes mesmo de poder enchê-lo com a comida da Au.

Perguntei a ela, depois, deitada no sofá, se ela havia convidado seus outros amigos. Quais?, ela perguntou. Eu a entendi. Seu jeito quieto saltou dela. Essa outra persona, que cozinhava para estranhos, que os convidava para a casa dela, era apenas um sintoma da América. Ela não ia a boates, mas sentia saudades de casa. Isso ficou claro para mim no mesmo momento em que percebi que os vômitos estavam ocorrendo fazia mais de um mês. Aí me dei conta. Outro Ted estava a caminho. Obviamente, meus sonhos teriam de esperar.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Alinne Balduino P. Pós-fácio. In: CARR, Marina. *No Pântano dos Gatos*. Tradução: Alinne Balduino P. Fernandes. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017. pp. 169-178.

NGŨGĨ, Wanjikũ wa. Hundred Acres of Marshland. In: BUSBY, Margaret (ed.). *New Daughters of Africa: An international anthology of writing by women of African descent*. Oxford: Myriad Editions, 2019, edição Kindle.